



NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO V

EDIÇÃO DA

Nº. 20

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C.G.C. 83721639/0001-93

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE — ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob nº 02 no Livro de Registros de Pessoas
Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Composta e impressa nas Oficinas da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

ANO V

Outubro/Novembro e Dezembro de 1981

Nº 20

Sumário

AS RAÍZES DA CASA PRÓPRIA: CASAS DE ENXAIMEL - Aloisius C. Lauth	102
ESCRAVOS EM BRUSQUE - Ayres Gevaerd	105
POLONÊSES: A EPOPÉIA DE UMA IMIGRAÇÃO - Maria do Carmo R. K. Goulart	108
A BRIOSA GUARDA NACIONAL DE BRUSQUE E SUAS ATRIBULAÇÕES - Ayres Gevaerd	112
DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO BARÃO MAXIMILIANO DE SCHNEEBURG REFERENTES A SETEMBRO DE 1863.	118

CAPA — Conceção e gentileza de Wolfgang L. Rau.

CLICHÊ — Brusque, em tempos idos, teve quatro cervejarias: Thies, Arpel, Kormann e Lauritzen. O clichê mostra o rótulo da cerveja MARCA BRASIL de Nicolau Lauritzen.

As raízes da casa própria: Casa de Enxaimel

O sonho e a realidade de ter uma casa, também existiu no Vale do Rio Itajaí-Mirim. A colonização foi feita praticamente às expensas dos imigrantes agregados em núcleos autógenos. A Província objetivou ocupar os "lotes coloniais" e extrair o que deles fosse possível. As dificuldades financeiras eram muitas e aí, no meio da mata, dinheiro estava em menor plano diante da falta da madeira, pregos, etc. Foi, assim, neste isolamento cultural, que surgiram os blocos sociais das cidades de Brusque, Guabiruba, Vidal Ramos e Botuverá.

No Vale do Rio Itajaí-Mirim, dois tipos de habitações são marcantes: o estilo mansardo e a Casa de Enxaimel. O primeiro foi estilo de elite e floresceu nos centros dessas ocupações humanas.

São casas de alvenaria amplas, altas e telhado empinado.

Já a Casa de Enxaimel pertenceu à classe baixa, operariado na sua forma de ser, possibilitando ampliar as instalações de acordo com o tamanho da família. Muito bem se casa ao regime de ocupação das terras do Itajaí-Mirim.

O paisagista Roberto Burle Marx, quando visitou Blumenau, desgostou-se do incentivo dado às imobiliárias de promoverem sua arquitetura, revelando "ser uma arquitetura falsa, um verdadeiro aborto da arquitetura" (1). Ele criticava a forma como as construtoras usavam os tirantes, simplesmente com objetivo de comercializar a cidade e o próprio turismo. São comuns aí os pontos de ônibus, sombreros, fachadas de edifícios, acertos nos postos de combustível, tudo para diminuir os tributos imobiliários. Mas o Enxaimel, em si, não é um "aborto", é uma forma de ser, melhor de habitar que caracterizou bem a nossa região de imigração.

Foi durante o Projeto RONDON, no sertão alagoano, que percebemos que as casas conecionadas de trama de varas para formar as paredes da taipa também eram chamadas de "enxaimel". Em Poço das Trincheiras, junto à caatinga de Lampião, "enxaimel" é o jeito popular de se referir às casas de taipas.

Aliás, em Santa Catarina existem as duas formas. "Enxaimel" é forma abreviada e usada mais pelo pessoal sem origem. Casa de enxaimel é o simbólico, o característico e, porque não dizer o folclórico, da imigração. É uma tradição expressa em construir habitações de tijolos à vista, presos por tirantes. Folclórico porque significa, à guisa da colmeia, a "agregação", a união junto a qual a geração crescia expandindo seus cômodos com novos tirantes.

Ao final de 78, fizemos os primeiros estudos do "Enxaimel típico". O enxaimel não é apenas folclórico, pois corresponde à maneira de existir e como tal deve ser respeitado (2). Dois anos após, Brusque inaugurava o novo prédio da Sociedade Bandeirante e, logo após, fruto do contágio comercial, a fachada do prédio das Casas Pernambu-

canas. Estes exemplos pouco têm do típico, embora conservem as linhas mestras. São “abortos”, diria Burle Marx.

E sob este aspecto, Brusque deveria se manter íntegro, pois o seu típico difere do blumenauense. O próprio turismo em Brusque não é causa e sim, consequência dos tecidos. Daí a intenção da nossa cidade se estabelecer num outro “burgo alemão”, à semelhança de Blumenau, cujo clima de acolhimento ameniza a agressividade (3) que os traços arquitetônicos da cidade moderna produzem.

Ou Brusque elabora uma “Lei do Enxaimel” para incentivos (isenção de tributos predial e territorial por anos), passando para o folclórico, ou conserva seu gênero de Enxaimel típico.

O primeiro caso é o mais provável, seguindo Blumenau com a Lei nº 2.262 (30.06.77 para estilos “enaixmel” e “casa dos alpes”). A febre “típica” atinge o próprio prédio da Municipalidade. O custo desse tipo, segundo a Carpintaria Loth, é bem superior, exigindo ferraria artística, trabalhados por Gunter H. Floczorski, da Kunstschmiede, e outros artificios.

Ou o folclórico ou o típico: eis as Casas de Enxaimel. No Vale do Rio Itajaí-Mirim, estas habitações estão desaparecendo (veja o quadro de habitações). As causas são múltiplas: o serviço de carpintaria, o madeiramento próprio, as ferragens, etc. Mas o que falta é uma adaptação dessas casas ao perímetro urbano, acertando um piso de cimento e acabamentos interiores. Hoje, essas casas estão catalogadas em 46.

QUADRO DAS HABITAÇÕES POR ESPÉCIE E POR DISTRITO

Brusque: 5.387 habitantes

Ano: 1936

Distrito		Alvenaria	Enxaimel	Madeira	Casebre	Total
Cidade	Urbano	479	31	218	3	731
	Rural	255	104	912	148	1.419
Porto	Sede	9	8	67	10	94
Franco	Rural	1	—	77	31	109
Vidal	Sede	10	—	4	8	22
Ramos	Rural	227	36	38	203	204
Nilo	Sede	26	2	1	29	58
Pecanha	Rural	45	2	—	32	79
SOMAS		1.052	183	1.317	464	3.016

Fontes: Aloisius Carlos Lauth e pesquisa de Henrique Bosco.

QUADRO DAS CASAS DE ENXAIMEL, 1980

BRUSQUE	Urbano	7
	Rural	10
GUABIRUBA	Urbano	11
	Rural	18

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A Casa de Enxaimel se implantou no nosso Vale por necessidade dos primeiros colonizadores. Ela é de janela de vidro em madeira de cor clara, tijolos à vista, cruzados por travessas de madeira em preto e telhado inclinado.

Entretanto, as primeiras notícias são descritas pelo Arcipreste Joaquim Gomes de Oliveira Paiva (4) que assim se refere: "Os seus edifícios tornam-se notáveis pela maneira de sua construção; as peças do madeiramento são encravadas umas nas outras e presas com tornos de cume, dispensando destarte toda sorte de pregos. O seu repartimento interior é igualmente de madeira bem trabalhada".

Tudo leva a crer que o estilo tenha sido importado de forma cultural e não como querem alguns ver no Enxaimel, uma fortaleza contra as intempéris. Em princípios de 1862, o Dr. Blumenau assinava a construção de uma escola neste estilo. O arquiteto Rolf Herwig é de pensar diferente: "Logo que aqui chegamos, os primeiros colonizadores tinham pressa em levantar suas residências. Como dispunham de pouco material, faziam inicialmente a estrutura de madeira e cobriam. Só depois começavam a colocar os tijolos e fazer as divisões. A falta de uma argamassa de melhor qualidade impedia que eles colocassem o reboco" (5).

Paul H. Keller, de Jonville, é de idêntico pensamento. Ele "conclui que a Casa de Enxaimel deve ter sido o fruto de intensa pesquisa e estudos, realizados por engenheiros competentes, residentes na própria Colônia e, portanto, conhecedores das condições locais. Por outro lado a idéia deve ter sido apoiada com grande entusiasmo pelos proprietários das modernas serrarias que existiam na época, com grande capacidade de produção" (6).

Essa idéia parece não prevalecer em Max T. D'Amaral (7) que distingue no Enxaimel um laço afetivo com a pátria, após determinado progresso econômico da Colônia.

Outro autor, Zedar Perfeito da Silva (8) entende que sua origem é pomerana. No Vale do Rio Itajaí-Mirim, acreditamos que tenha sido introduzido pelos imigrantes de Baden.

E como provar a mistura de estilos? Simples: a mistura das raças. A simpatia pelo estilo e a dificuldade de construí-la. Também o imigrante italiano, após atingir determinado progresso econômico, asentava uma residência nos moldes da Itália do Norte ou Sul-Tirolês. E quando abastado, construía sobradados de dois pavimentos. Devido à urbanização atual, são difíceis as casas com tais características. Meu avô, por exemplo, descendente de alemães, morava numa "residência italiana".

Notas bibliográficas:

- (1) Jornal de Santa Catarina — dia 10.12.80
- (2) LAUTH, Aloisius Carlos, Pesquisa e Estudo das Casas de Enxaimel, Revista Vicente Só.

- (3) "Incentivo ao Enxaimel para melhorar o Meio Ambiente", JSC dia 16.04.80, p. 9.
- (4) "A Colonização Alemã de São Pedro de Alcântara", 1848, p. 17
- (5) JENICHE, Oscar, Que é Casa Típica, in JSC — dia 14.07.74.
- (6) "História da Colonização Alemã no Vale do Itajaí", p. 71-72.
- (7) "O Vale do Itajaí", p. 44
- (8) "A Casa de Enxaimel de Joinville, Jornal "A Notícia", dia 04.03.71.

ESCRAVOS EM BRUSQUE

Ayres Gevaerd

A presença da escravatura em Brusque, sob o ponto de vista legal, creio, está levemente anotada em poucos registros oficiais e nos livros da Igreja Católica nos tempos do primeiro vigário padre Alberto Gattone, quando este atendia, além de Brusque, grande parte do Limoeiro, estrada para Itajaí.

Naquela área sim, como em toda costa litorânea de Santa Catarina, a presença da escravatura foi bastante acentuada.

É bem possível ter o trabalho escravo sido utilizado pelos donos dos primeiros engenhos de serra, entre outros, menores, os precursores nesta região: Pedro José Werner, Francisco Salenthien e Paul Kellner. Empregado nas derrubadas de madeiras de nossas matas, então exuberantes, e na formação de balsas depois conduzidas pelo rio para Itajaí.

Paul Kellner e Francisco Salenthien eram donos de grandes extensões de terras e engenhos de serra situados Vale do rio Itajaí Mirim acima, e residiam em Itajaí. Havia portanto boas condições para reunir o elemento trabalhador, escravo. Com Pedro J. Werner o mesmo não aconteceu, pois quando se instalou em "Vicente Só" lá ficou até falecer.

Pela estrada Brusque a Itajaí existiam abastados comerciantes com grandes plantações, engenhos de cana e farinha de mandioca, utilizando o escravo em proporções bem consideráveis.

Em razão da proximidade do Limoeiro, dos negociantes citados, o intercâmbio comercial com Brusque devia ter sido frequente e reciprocamente proveitoso. Daí a possibilidade da presença do negro em nossa área.

Para ilustrar estas notas transcrevo de Livros de Notas do escrivão de Paz das Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro e da Paróquia de São Luiz Gonzaga os seguintes documentos, respeitando a ortografia original.

Escriptura de Transmissão de um escravo, Antônio, que faz José Vicente de Souza a Antônio Pedro Werner na forma abaixo.

Saibão quantos este instrumento público de escriptura de transmissão de propriedade virem que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e dois aos dezoito de janeiro do dito anno em esta Colonia Itajahy em casa de negocio de Eduardo Buettner onde eu escrivão fui vindc, ahi presente José Vicente de Souza como outorgante vendedor e Antônio Pedro Werner como outorgante comprador, sendo ambos moraçoeres n'esta Colonia e conhecidos de mim pelo próprio de quem faço menção e por ele outorgante me foi dito, perante mim escrivão e testemunhas abaixo assignadas que de hoje para sempre vende ao sobre dito comprador o escravo ANTONIO CRIOLO, de cor parda, de vinte annos, natural d'esta Provincia matriculado na Meza de rendas de Itajahy,..... aptidão para o trabalho e lhe vende pelo preço de novecentos e cincoenta mil réis, que me foi dito pelo vendedor já estar embolçado em moeda corrente d'este Império e que desde já transfere ao comprador todo o direito, domínio, acção e posse que no dito escrivão tinham e que poderá gozer como seu que fica sendo por este instrumento. E logo pelo comprador me foi entregue o bilhete de cisa do teor seguinte: N° 3. Réis 40.000 ciza por venda d'escravo. Exercício de 1881 á 1882. O senhor Antônio Pedro Werner pagou a quantia de quarenta mil réis do imposto supra do escravo de nome Antônio, côr parda, idade de vinte e três anos, solteiro, por que comprou a José Vicente de Souza por novecentos e cincoenta mil réis. Meza de rendas provinciais de Itajahy em 7 de janeiro de 1882. O Administrador Domingos Joaquim da Natividade. O escrivão Eduardo de Souza Miranda. Depois de escripta esta eu escrivão ahi perante elles que reciprocamente outhorgarão e assignarão e eu como pessoa publica a outhorguei e assignei em nome dos ausentes ou pessoas a que pertencer possa com o vendedor assignou o comprador e testemunhas, sendo a rogo do vendedor João Bauer, visto ele outhorgante declarar que não saber escrever. Eu, Elesbão Pinto da Luz, escrivão que o escrevi. João Bauer, Antônio Pedro Werner, Carlos Hugo Braun e Manoel Lewigista Tavares.

Esritura de Locação de Serviço que Maria faz ao Snr. George Boettger e sua Mulher Carolina na forma abaixo.

Saibão quantos este publico instrumento de escriptura de locação de serviço virem que sendo no ano do nascimento de Nossa Senhora Jesus Christo, de mil oitocentos e oitenta e sete, aos trinta dias do mez de Dezembro do dito anno, nesta Vila de São Luiz, em cartório, compareceram perante mim escrivão e das testemunhas abaixo assignadas, de uma parte MARIA, escrava de George Boettger, com assistência de Jacob Krieger, por pedido d'ella, e de outra George Boettger e sua mulher Carolina, todos moradores d'esta Vila, reconhecidos pe-

los propios de que faço menção e por elle Snr. George Boettger e sua mulher Carolina, foi dito que concedem a sua escrava MARIA a liberdade com a condição de ella ainda prestar os serviços ao mesmo senhor pelo prazo de tres annos a contar da data de hoje, obrigando-se o dito senhor George Boettger, socorrel-a caso ella adoecer, dar medicamentos, assim como fornecer roupa para o serviço e tratal-a bem tudo de conformidade com as leis e regulamentos em vigor. E por ella, MARIA foi dito, qua aceitava a sua libertação com as condições declaradas e obriga se a prestar os seus serviços ao mesmo senhor durante tres anos a contar de hoje, sujeitando-se as penas das Leis e Regulamentos em vigor, declarando ella mais fazer este contracto sem a menor objecção visto ser de sua livre e espontanea vontade. E por George Boettger foi dito que aceitava esta escriptura de locação de serviço a elle feito. E assim declararam e foi pago o selo proporcional como se vê nas estampilhas abaixo e me pedirão lhes fizesse esta escriptura, o que fiz por me cumprir. Testemunhas a todos presentes do que dou fé. Eu José Vicente Haendchen escrivão interino que o escrevi e assigno. Em testemunho da verdade J. V. H. Jacob Krieger, Maria, George Boettger, Carolina Boettger, Manoel Tavares e Carlos Krzebichkowsky.

**

No livro de Registros de nascimentos da Igreja Católica em Brusque existem os seguintes:

4 de maio de 1872. Nascimento nº 106. BENTA (livre do ventre), filha natural da escrava GERMANA. Avós incognitos. Nascida no lugar Morretes. Batisada em 8.12.73.

14 de maio de 1872. Nasce PAULO (livre do ventre), filho natural da escrava IGNEZ, propriedade de Belarmino de Amorin Serva. Limoeiro. Itajahy. Batisado dia 13.12.1873.

6 de setembro de 1873. Nascimento nº 109. PRECIDIO JACINTO (livre do ventre) filho natural da escrava IGNEZ, propriedade de Belarmino de Amorin Serva. Limoeiro. Batisado em 13.12.1873.

Lei do Ventre livre (1871), iniciativa do Ministro Visconde do Rio Branco que declara livres os filhos de escravos.

Belarmino de Amorin Serva, dono ed escravos, foi Vereador em Brusque no período 1884 — 1886.

POLONESES: a epopéia de uma imigração

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

1. O porquê da imigração

Em fins do século XVIII a Polônia atravessava uma fase difícil, com problemas econômicos e sociais advindos da ocupação de seu território pela Prússia, Rússia e Áustria.

Obrigados a deixar sua pátria, os poloneses enfrentaram também outro grave problema, devido à perseguição que sofreram: o de sua localização. O destino, num futuro incerto e ignorado, levava a procura de uma melhor solução para todos, livres da germanização que os pressionava e longe da situação política que acabaria por colocá-los em fuga, tornando-os, além de emigrados políticos, emigrados da miséria, da ignorância e da chamada "fome de terras" a que tinham sido submetidos durante a ocupação da Polônia. Assim, nos séculos XIX e XX muitos milhares de poloneses deixaram a Polônia à procura de um caminho melhor.

Tanto o camponês, à mercê do abandono em sua própria terra, como as pessoas da elite, perseguidas pelas diversas autoridades ocupantes, viram-se na condição de emigrados.

O Brasil e a América do Norte se avistavam como um sonho na forma de terra prometida. Não era para menos: o governo oferecia passagens gratuitas, casas, manutenção, sementes, etc. Os agentes de colonização se encarregavam de aliená-los, atraindo-os a um futuro promissor.

Mas ao contrário da maioria dos imigrantes, alemães e italianos que aqui chegavam e eram destinados à regiões previamente determinadas para eles, os poloneses não tinham região indicada especificamente para tal. Isto só viria a acontecer anos mais tarde, após iniciarse a imigração em massa.

2. Os poloneses chegam à Colônia Príncipe Dom Pedro.

O início da imigração polonesa para Santa Catarina data de agosto de 1869. Foi neste ano que 16 famílias silesianas, viajando no vapor "Victória", desembarcaram no porto de Itajaí. Num total de 80 pessoas, as famílias polonesas foram estabelecidas na Colônia Príncipe Dom Pedro, na linha de "SIXTEEN LOTS", que fora abandonada pelos irlandeses (quatro meses depois, a Colônia Príncipe D. Pedro era anexada à Colônia Itajahy). Em setembro vieram mais 22 famílias e em outubro, mais 46 polacos. Por falta de melhores acomodações, os poloneses foram encaminhados para um barraco grande, onde ficaram aguardando sua localização na então Colônia Príncipe D. Pedro.

A colonização polaca em Brusque teve passagens diversas, desde o fracasso dos primeiros aqui chegados ao sucesso dos que vieram

depois. Na sua primeira fase, apesar dos nove anos de trabalho com imigrantes alemães e italianos, cuja atenção maior era dirigida aos primeiros, a Colônia Itajahy e a Colônia Príncipe D. Pedro não conseguiram, através de seus diretores, orientar grande parte dos poloneses recém-chegados. Com a saída do agrimensor que trabalhava na demarcação dos lotes na Colônia Príncipe D. Pedro, dificultando a situação para os novos imigrantes; com as dificuldades impostas pelo meio, devido à região montanhosa em que foram localizados, imprópria para nela se desenvolver uma agricultura de subsistência; e com os problemas surgidos, devido à invasão de colonos de outras nacionalidades em sua área, a localização dos poloneses não ficou resolvida a contento.

3. A intercessão de Saporski

Nessa ocasião, Sebastião Edmundo Vos Saporski, interessado em conseguir junto ao Governo Imperial uma concessão de terras para a colonização com imigrantes de sua Polônia, encontrava-se na Paróquia de Gaspar tratando do assunto com um amigo seu, o Padre Antônio Zielinski, polonês de Lwow.

Animados por ideais comuns de verem patricios seus desfrutando da liberdade que a imigração trazia, Saporski, juntamente com o Padre Zielinski, colocou-se com todo o empenho em favor da causa da emigração polonesa. Encaminharam um ofício ao Ministério da Agricultura requerendo terras e citavam as Províncias do Paraná e de Santa Catarina como as indicadas para a imigração que se propunham promover. No aguardo de resposta, souberam da chegada de diversas famílias polonesas a Brusque. O interesse em visitá-las coloca Saporski a caminho da vizinha Colônia. A viagem, perigosa por causa da ameaça dos Botocudos e demorada devido ao meio de transporte usado, os pés, não desanimou Saporski. Ia com certa provisão de alimentos e levava pistola e facão. O percurso transcorreu sem problemas e narra Saporski que os poloneses ficaram contentes com sua visita, "mas nenhum deles, em especial as mulheres, podia deixar de chorar, lamentar-se ou queixar-se da situação desesperadora em que se encontravam".

Na Colônia Itajahy, Saporski tentava convencer os poloneses a mudarem-se. O Paraná era sugerido, com sua terra fértil e mais propícia, além de animadora, do que as legadas em terrenos ásperos.

Em meio à animação da transferência dos colonos, Saporski toma conhecimento da dificuldade de transmigração de colonos de um estado para outro. Firme no seu propósito, Saporski redige um documento, colhe assinaturas e leva em mãos ao Imperador, solicitando saída dos colonos da localidade em que se encontravam. Apesar de ter sido alertado quanto ao fato de o Imperador não gostar de pedidos dessa natureza, "pois que existia um decreto sobre o estabelecimento definitivo dos colonos na Colônia Brusque, (...) onde as condições

eram tais que os colonos podiam aclimatar-se aí e sentirem-se tão bem como os colonos alemães" (2), Edmundo Saporski entrega a petição ao próprio Imperador.

Aguardando novas e esperançosas respostas, Saporski vai ao Paraná onde visita regiões mais favoráveis ao estabelecimento dos colonos. Não se descuidava, porém, de seus patrícios na Colônia Itajahy, com os quais mantinha correspondência. E foi através dela que sugeriu a ida de dois delegados, representantes dos colonos sediados em SIXTEEN LOTS, para verificarem pessoalmente as condições do lugar a elas destinado.

4. A fuga da Colônia

Não conseguindo, pelos meios legais, a transmigração dos colonos poloneses da Colônia Itajahy para a Província do Paraná, Saporski consegue convencê-los a irem para Curitiba em número de 13 pessoas. Outros 19 homens, casados, permaneceriam na Colônia para cuidar das mulheres e filhos. Sabia Saporski que o Diretor da Colônia impediria por todos os modos e meios a saída do pessoal. E imaginou tal distribuição com o propósito de reunir, posteriormente, a família ao seu chefe.

Mesmo sem licença de saída, os colonos aventuraram-se em sair da Colônia. Não deixaram, porém, de enfrentar uma série de dificuldades, como era de se supor: falta de documentos, intervenção da Presidência da Província através de uma força policial destacada no Deserto para deter os colonos a todo custo; incômodos, enfim. Mas os imigrantes estavam firmes e irredutíveis em irem embora. E foram.

5. O destino, afinal

Embarcados no porto de Itajahy, transportados a Antonina e posteriormente a Curitiba, onde chegaram de carroças, os imigrantes foram localizados nas Mercês em Pilarzinho. Lá originaram uma bela Colônia no perímetro urbano de Curitiba.

Perdeu Brusque e ganhou Curitiba, atualmente mais colorida e bonita com os descendentes polacos mostrando sua História no Parque Papa João Paulo II, com as casas reliquias exibindo um pouco da marcante passagem dos imigrantes poloneses por lá.

6. Os Tecelões de Lodz

Por outro lado, a segunda fase da imigração polaca destinada a Colônia Itajahy ocorreu a partir de 1875, após o êxodo total dos imigrantes pioneiros de 1869 que partiram em 1871, conforme atesta a documentação encontrada: "Ao Director Interino da Colônia Itajahy. Atendendo ao que me representarão os 16 COLONOS POLACOS (grifo nosso) constantes do requerimento junto que acompanhou o officio de hontem do Agente official da Colonização nesta Província, re-

comendo a V. M.ca. que lhes dê serviço nos reparos e conservação, de estradas dessa Colônia até o tempo da colheita de suas sementeiras". Sua instalação verificou-se em terras da ex-Colônia Príncipe D. Pedro, no vale do Itajaí Mirim e Vale do Tijucas, e na linha de Guabiruba do Norte. Alguns destes poloneses dedicaram-se a uma atividade pioneira: a indústria têxtil. Exercendo a profissão de tecelões em Lodz, pensavam em aproveitar seus conhecimentos na nova terra que os havia recebido. Na época Guabiruba, onde também se instalariam outros poloneses, pertencia a Brusque. O fracasso como colonos não impediu que procurassem adaptar-se a um novo ramo.

Com o apoio financeiro e orientação de Carlos Renaux, os poloneses construíram os primeiros teares de madeira. Rústicos, eles serviriam por algum tempo à atividade têxtil que iam aperfeiçoando cada vez mais.

Os Tecelões de Lodz lançaram um novo ritmo de trabalho à cidade e foram operários pioneiros na indústria têxtil de Santa Catarina-Fundadores de uma fábrica que se ocupava com a fiação, tecelagem e tinturaria, os tecelões poloneses retiraram-se, tempos depois, da fábrica. Problemas financeiros resultantes do escasso capital, fizeram com que Renaux ficasse sozinho no empreendimento. Mas aos tecelões de Lodz não é negado o reconhecimento do povo brusquense: a eles a cidade rende, ainda hoje, homenagens de gratidão.

De um certo modo, a data sugerida — 1875 — para a segunda fase da imigração polonesa, vem se reafirmar na correspondência seguinte: "Ao Director da Colônia Itajahy. 23 de janeiro de 1876. Declaro a V. M.ca. os fins convenientes que segue para essa Colônia onde vae prestar os serviços de seo ministério aos COLONOS POLACOS (grifo nosso), o Padre Francisco Ciszek, conforme me foi declarado em aviso do Ministério da Agricultura Commercio e Obras Públicas de 24 do corrente" (4). Sem dúvida, uma notícia boa, que serviria de paliativo para a dura vida enfrentada em terras distantes.

BRUSQUE, a 23 de novembro de 1981, festeja 90 anos de sua elevação à COMARCA. Só nos cabe, nesta data importante, lembrar um pouco de sua História, calcada, também, no sacrifício do IMIGRANTE POLONES.

1 e 2. "Memórias", de Sebastião Edmundo Wos Saporski. Vol. VI Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa, Curitiba; pgs. 39 e 41.

3 e 4. Livro Correspondências do Presidente da Província aos Directores de Colônias, 1876 — Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.
(Compilado pela autora).

A briosa guarda nacional de Brusque e suas atribuições

Ayres Gevaerd

Há poucos dias o Museu Histórico do Vale do Itajaí Mirim recebeu de uma senhora, peças de tecido bordadas a ouro que pertenceram ao fardamento do coronel da Guarda Nacional Guilherme Krieger.

Ao que se sabe, não existe fardamento completo de um ou de outro cidadão brusquense que pertenceu à corporação.

Fotografias são conhecidas, algumas entre elas um flagrante da visita do General Marciano de Magalhães ocorrida em julho de 1907. Nessa fotografia aparece o ilustre visitante e sua comitiva, autoridades e personalidades locais e os integrantes da Guarda, fardados apenas o coronel Guilherme Krieger e o tenente coronel Carlos Renaux.

Segundo relatou o correspondente do jornal "NOVIDADES", Brusque engalanou-se para receber tão ilustres visitantes. Entretanto, agitou-se nossa Guarda logo em seguida às despedidas.

O comando, que de justiça caberia ao cel. Guilherme Krieger, foi exercido pelo tte. cel. Carlos Renaux. Como em Brusque, na época, não existia imprensa, os protestos e advertências foram publicados no jornal de Itajaí.

O famoso caso foi objeto de umas notas em "Política e políticos de antanho", número 2, desta revista.

Entretanto como agora foi encontrada cópia de uma Procuração feita em 1898 relacionada com as patentes de nossos oficiais, achei interessante transcrever do jornal citado a notícia da visita, em detalhes e as notas das "Seções livres", conservando a ortografia original. Justifico estas transcrições para avaliar o comportamento de nossos respeitáveis antepassados, os procedimentos sociais e políticos, seus brios e cuidados, notadamente dos senhores Guilherme Krieger e Carlos Renaux, que disputaram durante longos anos a liderança política em Brusque.

Imagino a presença de nossos oficiais convenientemente fardados nas festas do velho "Schuetzen Verein" durante os três dias de festas, pela Páscoa; na hora do banquete oficial, os discursos e no baile de gala com as contradanças, principalmente a "quadrilha", valendo ainda a proclamação dos reis e respectivos cavalheiros. E nas festas religiosas e nas recepções, dentro do brilhante fardamento segurando as espadas atadas em vistoso cinturão, devidamente seguras com as mãos, evitando fossem arrastadas!

Como foi possível ao Tte. cel. Carlos Renaux "segurar" o comando durante os dois dias da visita do General Marciano e comitiva? E o constrangimento dos presentes em face do que acontecia?

Ontem como hoje o comportamento de nossos políticos é idêntico, com todos os seus méritos e defeitos.

Escreve o nosso correspondente:

— “Passou por aqui no dia 30 do mez proximo findo, vindo da capital do Estado e examinando o valor estratégico da nossa rede de estradas de rodagem, o exmo. senhor General Marciano, acompanhado de seu Estado Maior os srs. 1º tenente Firmino Borba, Segundos tenentes Antônio Cavalcanti e Armando Jorge e de aspirante Nilo Val.

Achavam-se na comitiva de s. excia. o sr. Major Hipólito Boiteux, o capitalista Francisco Gottardi Primo, abastados negociantes de Nova Trento, o capitão Guille e o senhor Schumann importante comerciante na Linha Alliança, em cuja casa foi servido aos ilustres itinerantes um lauto almoço.

Ao encontro daquela patente militar, para cumprimentá-lo em nome deste município, foram até a casa de negócio do sr. José Rudolph, as pessoas mais gradas desta Vila: o sr. Superintendente municipal Coronel Guilherme Krieger, o importante industrial Coronel Carlos Renaux, o capitalista coronel João Bauer, o revmo. Vigário padre Moeller, o juiz de Direito da Comarca Dr. Erico E. Torres, o tabelião Diogo Duarte Silva da Luz, Luiz J. Mueller encarregado da estação telegráfica, Max José Schumann chefe do 2º distrito do Comissariado geral de terras, Major Vicente Schaefer ex-superintendente, capitão João Schaefer e muitas outras personalidades.

Dando o Coronel Renaux como comandante superior da Guarda Nacional em exercicio o raporte, e sendo saudado o sr. Comandante do Distrito pelo sr. Superintendente, em nome de nosso Município, foram apresentados os senhores oficiais do Estado Maior como também os demais membros da comissão.

Causou geral e agradável impressão o cavalheirismo dos senhores Coroneis Renaux e Krieger, oferecendo ambos as suas elegantes residencias para hospitalidade do distinto general Marciano, irmão do inolvidavel fundador da Republica, Benjamim Constant.

Logo em seguida tomaram-se 10 carros em direção á nossa Vila. Ao general e aos seus companheiros causou excelente impressão a fábrica de tecidos de Carlos Renaux que se encontra em reformas tendo seu proprietário resolvido a transformação da força motriz da machina a vapor, em turbina movida pelas aguas d'uma extensa lagoa.

Aproximando-se o préstito da Vila ouviu-se o espousar de inumeros foguetes. S. Excia. teve palavras de admiração ao olhar a ponte metálica “Vidal Ramos” e mostrou-se penhorada pelas manifestações de sympathia dos moradores de Brusque que sahiram a receber e enchiam as ruas da Vila, as quais estavam com os edificios públicos e particulares com bandeiras hasteadas.

O Sr. General apeiou-se na residencia do sr. Coronel Krieger, sendo recebido pela Banda de música, ao som do hymno nacional. Até

o almoço o sr. general recebeu de inúmeros cavalheiros distintos da Vila, visitas e cumprimentos.

O sr. Coronel Renaux levando consigo tres officiais da comitiva, ofereceu também opíparo almoço a estes como a outros distintos cavalheiros. Durante o almoço a Banda de música fez ouvir diversas peças de seu repertório em frente à residencia do sr. Guilherme Krieger.

As quatro horas da tarde foi oferecido á officialidade de nosso brioso exercito no vasto salão do Clube dos Atiradores, um copo de cerveja e em seguida entrou o sr. general e o seu Estado maior na concurrencia do tiro ao alvo com membros da nossa Sociedade. Com grande satisfação foram premiados não só o sr. general como também todos os officiais, obtendo o sr. Nilo Val o primeiro premio.

Como lembrança da honrosa visita de tão alta patente de nosso glorioso exercito a esta Vila foi tirada, no mesmo Club, uma photographia.

Depois do exercicio percorreu o sr. general em companhia dos dois coroneis Krieger e Renaux, n'um carro de molla, as ruas da Vila recebendo a melhor impressão e elogiando continuamente o progresso da nossa florescente comunidade.

As seis horas foi oferecido nos salões da vivenda do coronel Krieger fino banquete, tomando parte os ilustres viajantes, dr. Erico Torres, major Boiteux, sr. Schumann e os dois filhos do cel. Krieger, Germano e Guilherme.

Entre outros, falaram o coronel Krieger e o tenente Borba. Ergueu o senhor Dr. Torres a taça de champagne para o "toast" de honra em nome do sr. Superintendente. Agradecendo S. excia. esta gentileza brindou Santa Catarina e o seu benemérito Governador coronel Gustavo Richard.

Reuniram-se as mais distintas famílias no Schützenhaus para o baile de gala, visitou antes o sr. general e o seu Estado Maior, o palacete do coronel Renaux, onde foi oferecida pela graciosa sobrinha do dono da casa, dona Gisela von Riebel, uma chavena de chá.

No baile os nossos excellentissimos hospedes revelaram-se como grandes amadores da arte da deusa Terpsichore, correndo esta festa na mais perfeita harmonia e alegria.

Depois da meia noite retirou-se o sr. general, findando assim, também, o baile, onde não tocou somente a Banda mas também uma orquestra de cordas.

No dia seguinte, com pontualidade militar o general com os seus ilustres companheiros continuou sua viagem de inspeção indo pela vila de Blumenau para Joinville, acompanhado até o primeiro lugar pelo dr. Erico E. Torres.

Agradavelmente impressionado pelo tratamento que recebeu, agradeceu o sr. general em seu nome e no de seus officiais a nossa modesta hospitalidade, prometendo permanecer mais tempo em nossa vila no mez de Setembro vindouro.

NOVIDADES — 25 de Agosto de 1907

“NOTÍCIAS. Escreve-nos de Brusque o sr. Coronel Krieger. Illmo. Sr. Redactor do NOVIDADES. Tendo lido no vosso conceituado jornal de 11 do corrente a descrição da chegada do amigo General Marciano Magalhães a este municipio em 30 do passado, peço-vos a retificação de um tópico d’essa noticia onde houve um equívoco de vosso correspondente.

Como Coronel comandante que sou da Guarda Nacional n’esta comarca de Brusque, não passei o comando ao sr. tenente coronel Carlos Renaux, e se o tivesse de fazer seria ao sr. tenente coronel Nicolau Lauritzen, pois sendo a nomeação de ambos de igual data, segundo a regra militar estabelecida para o caso, ao sr. tenente coronel Lauritzen cabia assumir o comando como o mais velho, não sendo portanto exacto que o sr. tenente coronel Renaux se apresentasse ao sr. general na posição de comandante superior interino que não lhe competia nem lhe foi delegado. Não é exacto também que os senhores João Bauer, Vicente Schaefer e João Schaefer sejam presentemente coronel, major e capitão da Guarda Nacional como graciosamente os distinguiu o vosso correspondente. Com a publicação destas linhas muito penhorareis ao vosso constante leitor e amigo affectuoso. Brusque, 20 de agosto de 1907. Guilherme Krieger”.

NOVIDADES” — 8 de setembro de 1907.

“Recebemos a seguinte carta: Amigo sr. redator do NOVIDADES. No vosso estimado jornal de 25 de agosto do corrente, veio um artigo assignado pelo sr. Guilherme Krieger, referindo-se o mesmo também ao meu nome; por isso me vejo obrigado a dizer algumas palavras.

Diz o mesmo senhor não ser exato que o sr. João Bauer, Vicente Schaefer e João Schaefer sejam presentemente coronel, major e capitão. Não precisava o sr. Guilherme Krieger allegar tal facto, pois qualquer pessoa está sciente de que não occupamos taes cargos.

Todavia, cumpre-me dizer que somos bastante capazes para occupar taes postos e se a nossa querida Patria um dia precisar da Guarda Nacional, saberemos manejar uma arma nas suas fileiras. Brusque, 3 de setembro de 1907. Vicente Schaefer”.

**

“NOVIDADES” — 8 de setembro de 1907.

“Secção livre. Brusque. Em resposta.

É interessante e patenteia bem claro as virtudes civicas de que estão revestidas as pessoas que influem nos destinos da prospera villa de Brusque, a apreciação das noticias que veem d’alli e são publicadas nos jornais do Estado.

De um lado uma narração simples, sem phraseologias e engrossamentos; de outro lado elogios tecidos a si mesmos, reprovações mesquinhas e de caracter pessoal, verdadeiro espelho da inveja e do espirito pequenino dos seus auctores.

Veja o leitor o protesto publicado pelo coronel Krieger relativamente a uma correspondencia narrando a recepção do exmo sr. general Marciano (a quem s.s. arrogantemente intitula seu amigo). Ahi s.s. protesta, entre outras cousas, contra o titulo de coronel que o correspondente muito merecidamente dá ao nosso prestimoso chefe politico, honradissimo negociante e capitalista João Bauer! Fique o sr. Krieger sabendo que a nomeação do geralmente estimado cavalheiro João Bauer é mais antiga do que a sua, pois ela emanou do legendario Marechal de ferro e a do sr. Krieger do sr. Prudente de Moraes. Lembre-se o leitor de uma noticia aparecida, ha poucos mezes, no jornal O Dia e concebida mais ou menos nestes termos: "Brusque com a feliz administração do sr. coronel Krieger está passando por uma verdadeira época de embelezamento etc." e de outros no mesmo tom.

Se o modo de pensar do ex superintendente, que tanto tem feito e continúa a fazer em prol de Brusque, fosse do mesmo nivel esta tão graciosa quão leviana noticia. O público que julgue entre os chefes das duas facções politicas em Brusque e declare a quem cabe a culpa de que neste lugar nunca, infelizmente, se poderá fazer uma politica de harmonia em prol do municipio e dos proprios chefes. Um observador".

**

"NOVIDADES" — 15 de setembro de 1907.

"BRUSQUE — Resposta à resposta do Observador. Quem leu o NOVIDADES de 8 do corrente logo percebeu que o Observador é um espirito vivo, sagaz, instruido, porem parece desconhecer uma cousa: a propriedade do espelho. E assim às suas observações, ajunte o Observador mais estas: Ninguem contesta os bons predicados do sr. Bauer e todos lhe fazem justiça, se alguma vez foram postos em duvida, foi em 1898 quando este senhor ocupava o lugar de substituto do Superintendente, por um transfuga de seu partido politico que assim o classificou. "Bauer sem prestigio, sem educação para tão importante cargo, continua como superintendente, segundo ele afirma a ordem superior, servindo para esses seus superiores de instrumento para todos os papéis". Se o "Observador" quizer saber quem foi esse transfuga, designe duas testemunhas de sua confiança autorizadas a ver o documento onde isto está escripto, porém com uma condição de ser pela imprensa declarada de quem é a letra desse transfuga que assim tão injustamente o qualificou. Quanto ao facto de patentes serem assignadas pelo valoroso Marechal Floriano ou pelo venerando Prudente de Moraes, nenhum valor terão a mais de ter sido assignada por um ou outro. Em Brusque ha quem, tendo sido da politica Florianista, passou-se para os Prudentistas recebeu uma patente destes e mais tarde passou aos Florianistas, e mais partidos houvesse que por todos passaria, e no entanto gosta de exhibir-se fardaço, signal que dá importancia à sua patente, que recebeu dos Prudentistas. Estes passes é que servem bem para avaliar-se o nivel de sentimentos. A fusão não se fez em Brusque devido a "alguem", que acoimou de falsa uma carta que pedia ser feita a fusão, carta muito verdadeira como poderão atestar

o seu autor e pessoa fidedigna que viram-na escrever, porém, como esta carta tinha um "N.B." podendo dar-se o caso que espiritos mais exaltados, que antes de bem refletir, condene esta combinação, eu conto que o amigo empenhará seu prestigio no sentido de fazel-a vingar".

Quem tem espirito exaltado é que se oppôz. Agora indague o "Observador" quem é conhecido em Brusque por espirito exaltado e com ele se entenda.

No mais, "Observador" toma bem ncta do velho refão: Quem tem telhado de vidro não jogue pedra no alheio. E se, "Observador", conhecer quem é useiro e veseiro em emcomendar elogios para si, e o conhecendo diga-lhe que gato do que usa, cuida. Melhor será ficar por aqui. Brusque, 11 de setembro de 1907. Um intransigente".

E para encerrar:

PROCURAÇÃO bastante que fazem Guilherme Krieger, Carlos Renaux, Nicolau Lauritzen, Oscar Renaux e Germano Krieger, nomeados officiais da Guarda Nacional a L. Carvalho e Companhia, na forma abaixo: SAIBAM quantos este público instrumento de procuração ou mandato virem, que no ano de mil oitocentos e noventa e oito, aos oito dias do mez de fevereiro, n'esta Vila de Brusque, à rua do Barão de Ivinheima, em o meu Cartório e ahi perante mim tabelião e as duas testemunhas adiante nomeadas e assignadas compareceram como outorgantes d'este Instrumento os cidadãos GUILHERME KRIEGER, CARLOS RENAUX, NICOLAU LAURITZEN, OSCAR RENAUX e GERMANO KRIEGER residentes nesta Vila e pessoas do meu conhecimento e das ditas testemunhas adiante assignadas. E pelos outorgantes me foi dito perante as mesmas testemunhas que nomeiam e constituem por seu bastante procurador a L. CARVALHO E COMPANHIA, estabelecido na Capital Federal, com o fim especial do seu dito procurador tirar as patentes de officiais da GUARDA NACIONAL d'esta Vila, de conformidade com o Decreto de 29 de dezembro ultimo, que creou a Quarta Brigada de Cavalaria composta dos Regimentos n.º 7 e 8 (sete e oito), sendo o primeiro outorgante Guilherme Krieger nomeado Coronel Comandante Superior; Carlos Renaux, Tenente Coronel do 7.º Regimento; Nicolau Lauritzen, Tenente Coronel do 8.º Regimento; Oscar Renaux, Capitão Assistente e Germano Krieger, Capitão Ajudante de Ordens, dão os outorgantes ao dito procurador todos os poderes necessarios e permitidos em Lei para o dito fim, como requerer o que preciso fôr, pagar todas as despezas de conformidade com a Lei, podendo também substabelecer esta em que lhe convier, que prometem dar tudo por firme e valioso como se eles presentes fossem. E como assim o disseram, me pedirão que lhes fizesse a presente, que sendo-lhes lida, assignam com as duas testemunhas, Emilio Raguse e Guilherme Luiz Krieger perante mim Diogo Duarte Silva da Luz, Tabelião Público e raso. Em testemunho da Verdade. O Tabelião Público Diogo Duarte Silva da Luz, Guilherme Krieger, Carlos Renaux, Nicolau Lauritzen, Oscar Renaux, Germano Krieger, Guilherme Luiz Krieger e Emilio Raguse.

Do Livro de Notas do Tabelaionato da Villa de Brusque, n.º 21.

**Documentos da administração Barão Maximiliano de Schneéburg
referentes a setembro de 1863**

RELACÃO DOS COLONOS VINDOS DE HAMBURGO,
PELA ESCUNA HAMBURGUESA "URANIA" COM DESTINO
A COLONIA BRUSQUE

N.º	Nome	Pátria	Terra	Officio	Idade	Religião	Recapitulação Em ci- ma de 10 anos	Abaixo de 10 anos	Abaixo de 1 anno	TOTAL
1	Brenner Antonio	Hoelting	Tyrol	Lavrador	37	Catholico	1	—	—	1
2	s.m. Crescencia	"	"	mulher	39	"	1	—	—	1
3	filhos José	"	"	filho	11	"	1	—	—	1
4	" Miguel	"	"	"	9	"	—	1	—	1
5	" Eduardo	"	"	"	8	"	—	1	—	1
6	" André	"	"	"	6	"	—	1	—	1
7	" Jacob	"	"	"	5	"	—	1	—	1
8	Seibert Christiano	Wolfers- weiler	Olden- burg	Lavrador	33	Protestan- te	1	—	—	1
9	s.m. Catharina	"	"	"	28	"	1	—	—	1
10	filhos Elisabeth	"	"	"	5	"	—	1	—	1
11	" Catharina	"	"	"	6	"	—	1	—	1
12	" Luiz	"	"	"	1/2	"	—	—	1	1
13	Krieger Catharina	Algenrodt	"	mulher de Phillip já estabel. filha	26	Catholica	1	—	—	1
14	Carlotta	"	"	filha	6	"	—	1	—	1
15	Ainda na Barra Philippe	"	"	filho	4	"	—	1	—	1

16 Heeger Miguel	Wiesen- thal	Saxonia Lavrador	28	"	1	—	1
17 s.m. Martha	"	" mulher	19	"	1	—	1
18 Brem João	Lester- bach	Bavaria Lavrador	35	"	1	—	1
19 s.m. Margarida	"	" mulher	37	"	1	—	1
20 Martim	"	" filho	12	"	1	—	1
21 Anna	"	" filha	7	"	—	1	1
22 Ciriaco	"	" filho	4	"	—	1	1
23 Leandro	"	" filho	2	"	—	1	1
					11	11	23

Barra d'Itajahy mirim em 1.º de Setembro de 1863.

Os Colonos vão fornecidos por seis dias, contando de 31 de agosto em diante.
assignado Sallentien e Haendchen
assignado S & H.

"Certifico eu abaixo assignado Empregado da Alfandega, encarregado da conferencia da descarga da escuna Hamburgueza "Urania" na barra do Itajahy-mirim, que os 23 Colonos vierão de Hamburgo na dita escuna e para constar passei o presente.

Barra do Itajahy-mirim 2 de Setembro de 1863.

Assignado: Vicente (ilegivel) Ferreira

Esta conforme: Barão de Schneéburg
Director da Colonia".

"Declaro que de facto vierão no dia 3 e 4 de Setembro de 1863 os Colonos da presente Lista com a alteração que em lugar do filho de Philippe e Catharina Krieger, que morreo na Villa d'Itajahy, veio um Colono isolado de nome Cornelio Freidel, 26 anos de idade, catholico, Badense, lavrador, que sendo o Revm.º Padre Gattone presente na Colonia casou-se logo com Elisabeth Schwarz, orfã, no poder de seu mano Domingos Schwarz antigos colonos estabelecidos e assim ficou sempre o N.º de 23 Colonos novos completado.

Colonia Brusque, em 23 de Setembro de 1863.

Barão de Schneéburg
Director da Colonia

**DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE NO ITAJAHY-MIRIM EM
4 DE SETEMBRO DE 1863.**

Illm.º e Exm.º Snr.

Com o navio Hamburguez: Urania: chegarão à Barra do Itajahy Colonos destinados para a Colonia Blumenau — 23 pessoas dos mesmos em 5 familias resolverão se na Barra a estabelecer-se em Brusque, aonde têm parentes e conhecidos; o que o Empregado da Alfandega attestou, e receberão por Sallentien e Haendchen negociantes da Barra como de costume fornecimentos de viveres por seis dias, o que em conjunto dos seus transportes e bagagem por Lancha até essa Colonia aonde chegarão hontem, importa uma despeza que paguei a Sallentien e Haendchen de Rs. 92\$145.

Peço respeitosamente à Va. Exa. Ordem de poder matricular-os como colonos de Brusque e um supplemento pecuniario para poder-lhes pagar os subsidios de costume, conjuncto com as despezas de Rs. 92\$145 para o corrente mez de Setembro, da quantia de (Rs. 300\$000) trecentos reis, digo mil reis.

Deos Guarde à Va. Exa.

Illmo. e Exmo. Snr. Pedro Leitão da Cunha
Dm.º Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia

Barão de Schneéburg

**DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE NO ITAJAHY-MIRIM EM
5 DE SETEMBRO DE 1863.**

Illm.º e Exm.º Snr.

Tendo-se mostrado de novo os Indigenas (Bugres) no Ribeirão de Cedro lugar denominado: Pedra Grande, no Itajahy-mirim, contiguo à Colonia, no mesmo lugar aonde em Março do corrente anno já perecerão tres victimas, levo ao conhecimento de Va. Exa. a reparação destes gentios e rogo à Va. Exa. de mandar-me uma força de Soldados com sua necessaria munição, que battendo as matas, e seguindo as extensas e largas picadas dos Bugres, os refugentão e expellem dos seus estabelecimentos, estacionando-se nos lugares mais expostos aos ataques repentinos dos Bugres, protegendo e defendendo assim as vidas e propriedades das familias, o que os Colonos só sem disciplina regular, moradores em dispersos e distantes Lottes, além de grandes despezas, debalde tentariam alcançar.

Deos Guarde à Va. Exa.

Illm.o e Exm.o Snr. Pedro Leitão da Cunha
Dm.º Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

**DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE NO ITAJAHY-MIRIM EM
11 DE SETEMBRO DE 1863.**

Illm.º e Exm.º Snr.

Transmitto devida e respeituosamente à Va. Exa. o Requerimento incluso, dirigido a essa Directoria por Eugenio Rieger, que se acha munido com Procuração bastante à elle passada em nome dos Colonos Guilherme Kannengiesser pelo tabelhão da Villa d'Itajahy, a fim de que Va. Exa. Se Digne Ordenar o que for da Lei e da Justiça.

Deos Guarde à Va. Exa.

Illm.º e Exm.º Snr. Pedro Leitão da Cunha
Dm.º Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Illm.º e Exm.º Snr.

Director da Colonia Brusque.

Tendo ficado preso no dia 5 do corrente mez o Colono Guilherme Kannengiesser por ordem do Juiz Municipal de Itajahy o Snr. Felicio Borges acha-se Kannengiesser ainda na Cadêa sem que se lhe formou a culpa, sem ser interrogado e sem alimentos, de maneira que elle as suas proprias custas se ha de alimentar na cadêa d'Itajahy.

O Juiz Municipal da Vara, o Snr. Souza, declarou que não se devia intermetter n'este negócio.

Como desta maneira Kannengiesser está abandonado das authoridades de Itajahy, dirige-se elle respeitosaente à Va. Exa., pedindo como Colono a sua valiosa protecção, e por isso pede à V. Exa.

diferir-lhe

E. R. M.

Colonia Brusque aos 11 de Setembro de 1863.

O Procurador bastante de Kannengiesser
Eugenio Rieger

**DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE NO ITAJAHY-MIRIM EM
20 DE SETEMBRO DE 1863.**

Illm.º e Exm.º Snr.

Submetto respeitosaente á beneplacita aprovação de V. Exa. o orçamento das despezas indispensaveis e mais urgentes n'esta Colonia no trimestre de Outubro à Dezembro de 1863, como segue:

Para o mez de Outubro: humma ponte grande de 60 e mais palmos em comprimento sobre o Guabirúba que communica os caminhos feitos de moradores no Guabirúba e os do Rio d'Itajahy-mirim (Colonos) com solida construcção pº passagem de carros

Rs. 500\$000

Para o mez de outubro:	Caminhos novos em empleitada, e pontes menores a fazer-se para o lottes dos colonos novamente chegados, conser-tos dos caminhos e pontes existentes, envallamentos e outras, obras em jornaes	1.600\$000
“	“	
	Costeamento da Colonia, compra de sementes reparaturas de Canoas e ranchos, sustento da tropa e seus annexos, e outros imprevistas casualidades, como gastos com os doentes, e mais occorencias, consernentes	180\$000
“	“	
	Pagamento da Gratificação ao Agrimensor e ao Escrittuario	81\$000
“	“	
	Subsidios aos 88 Colonos Pessoas 7 da XVIII Turma Rs. 52\$500)	
	58 c/1 nascido XIX Turma 564\$000)	816\$000
	23 da XX Turma 199\$500)	
Para o mez de Novembro o mesmo	menos Rs. 500\$000	
da ponte		2.677\$000
Para o mez de Dezembro	Idem Idem	2.677\$000
<hr/>		
Total para o Trimestre supra		Rs. 8.531\$000

São estas as quantidades com a maxima provavel economia calculadas e rogo à Va. Exa. Se Sirva ordenar dos Oito Contos quinhentos e trinta mil reis (Rs. 8:530\$000) pela Tesouraria à meu Procurador Fernando Hackradt.

Tenho a honra de levar ao conhecimento e justiceira Consideração de Va. Exa., que neste orçamento entrão mensalmente Rs. . . . 816\$000 de Subsidios ou Rs. 2:448 pelo trimestre, e que assim todo o mais Orçamento não importa mais do que Rs. 2:041\$00 por cada mez.

Deos Guarde à Va. Exa.

Illm.º e Exm.º Snr. Capitão-Tenente Pedro Leitão da Cunha
Dm.º Presidente da Provincia de S. Catharina

O director da Colonia
Barão de Schneéburg

**DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE NO ITAJAHY-MIRIM
EM 23 DE SETEMBRO DE 1863.**

Illm^o. e Exm^o. Snr.

Já tive a honra de levar ao conhecimento de V^o Ex^a que dos Colonos desembarcados pela Escuna Hamburgueza: Urania: na Barra do Itajahy-mirim com Colonos destinados para a Provincia de St^o. Catharina, chegarão 23, em 3^o e 4^o de Setembro corrente à essa Colonia para aqui se estabelecerem.

Paguei à Sallentien & Haendchen o importe de Rs. 92\$145 da sua conta pelo transporte delles e de suas voluminosas bagagens da Barra à Séde da Colonia por Lancha, e pelo fornecimento de viveres à elles por 6 dias de 31 de Agosto p: p: em diante prestado pelos mesmos Shrs.

Forão logo introduzidos em lottes de boas terras, à vontade dos mesmos escolhidos, e já trabalham com assiduidade, para ainda aproveitarem do pouco tempo d'esta Estação ainda propria para certas plantações. Toda via não posso sem Ordem de V^o Ex^a abonar-lhes os subsidios respectivos, iguais como o Governo Imperial concede aos mais Colonos novos, directamente enviados de Europa. A Lista dos mesmos segue aqui junta.

No dia 9 do corrente chegarão mais 2 familias de Theresopolis aonde já gozarão o abono dos subsidios, sem trazer Officio algum, nem relação do seu débito naquella Colonia, a transcrevê-lo n'esta Colonia. São as familias de Henrique Wenning constando de 4 pessoas -- e a familia de Germano Bruenning constando de marido e mulher, conforme a relação junta.

A estas 6 pessoas em 2 familias não distribui ainda terras, e não estão no caso de obterem novos subsidios.

V^a Ex^o me ordenará se devo dar-lhes lottes. Elles têm parentes aqui, e morão por emquanto com elles.

Deos Guarde à V^o Ex^a

Illm^o e Exm^o Snr. Pedro Leitão da Cunha
Dm^o Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Lista nominal das 2 familias, colonos de Theresopolis, que chegaram à Colonia Brusque sem Guia, passaporte ou Officio algum para se estabelecer.

Nº	Nomes	Patria	Terra	Officio	Idade	Religião
1	Wenning Henrique	Prussia	Lohn	alfaiate	48	Catholico
2	"s. m. Maria	Prussia	Lohn	—	48	chegarão
3	"filhas Henriqueta	Prussia	Lohn	—	12	9 setembro
4	" " Lisetta	Prussia	Lohn	—	6	"
5	Brünning Germano	Prussia	Asbeck	lavrador	27	catholico chegarão
6	"s. m. Elisabeth	Prussia	Asbeck	—	19	9 setembro
6	Pessoas a saber 4 maiores e 2 menores.					

Colonia Brusque no Itajahy-mirim em 23 de Setembro de 1863.

Barão de Schneéburg
Director da Colonia

**DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE NO ITAJHAY-MIRIM
24 DE SETEMBRO DE 1863.**

Illmº Exmº Snr.

Accuso respeitosamente a recepção do Officio de Vº Exª de 11 de Setembro corrente, em que me Ordena de adoptar o Systema proposto pelo agrimensor Frederico Heeren em conformidade ao Officio do mesmo datado de 20 de Agosto p: p: o qual Vº Exª teve a summa bondade de enviar-me por Copia.

Como tenho por Norte a prosperidade e o progresso d'esta Colonia que me foi confiada a fundar e dirigir pelo Imperial Governo, é por mim externa satisfação, que V.ª Ex.ª determina: que eu deva dar em emprego as Obras-Publicas essenciaes, como tinha já anteriormente representado e supplicado, reconhecendo plenamente todas as

vantagens, que dali devem resultar ao progresso destes Serviços, ao Erario, e proporcionalmente aos Colonos trabalhadores.

Más desta Cópia do Officio do Agrimensor vejo: que elle indica por completo engano despezas feitas até agora com 6 ou 7 feitores nestas obras em igual numero de turmas à 30\$000 à cada um destes feitores, ou circa Rs. 200\$000
ao mez, além da inspecção paga na razão de Rs. 50\$000

Rs. 250\$000

por mez, e demonstra que concedendo-se lhe além da gratificação annual fixa com Rs. 500\$000 e além da bracagem em conformidade do contrato do anterior agrimensor concedidos, ainda Rs. 50\$000 pela inspecção unica, e outros Rs. 50\$000 a um só feitor por mez (o que acho tudo muito moderado) uma economia de Rs. 150\$000 ao mez.

Tenho e devo dar ao conhecimento de V^a Ex^o à esses respeitos o seguinte: que além da inspecção, a feitorisação sobre certos Serviços que só podem ser feitos em jornaes, julgo indispensavel.

Más, que nunca, e em conta nenhuma (refiro-me à todas as minhas contas) empregasse ou pagasse 6 a 7 feitores à 30\$000 por mez, nas 6 a 7 turmas dos trabalhadores é um facto nocivo, digo, positivo.

Os trabalhadores das diferentes turmas e localidades trabalhão conforme o numero das pessoas das familias à sustentar 6, 8, 10, 12 dias, raras vezes 14 dias por mez.

Escolhi entre elles a quele para cada huma das Secções, que por sua conducta gozava uma certa consideração entre os outros, e que por seus bons trabalhos podessem dar exemplo de emulação. Encarreguei estes escolhidos só e unicamente a tomar o ponto das horas da chegada, tempo de serviço e as faltas dos mais trabalhadores da Secção, para participar à inspecção, que não podia ser feita nestes tempos preciosos na diversidade dos lugares.

Estes escolhidos erão meramente trabalhadores, nenhuma gratificação perceberão, mas sim só a licença de trabalhar igual numero de dias como os mais licenciados da turma.

Perceberão pois simplesmente paga por seus Serviços bracaes e 1\$000 por dia pelos dias que por maximum 14 trabalharão, mas nenhuma gratificação de feitorisação, absolutamente nenhuma.

A inspecção consistia na despeza seguinte

Rs. 48\$000 a um inspector, que tinha de sustentar a sua custa um animal seu

Rs. 10\$000 de gratificação ao escriptorario para que tomasse parte em diversos pontos desta inspecção no tempo dispensavel, em quanto eu mesmo tomei seus trabalhos no Escriptorio sobre mim

Rs. 58\$000 e não Rs. 250\$000

Outrossim, eu tinha empregado como trabalhador effectivo, e Guia dos Serviços nos lugares mais peniveis o melhor dos trabalhadores conhecido o brasileiro Joaquim Antonio Coelho a 50\$000 p. mez que na sua incançabilidade prestou relevantes Serviços braçaes até espontaneamente nas chuvas, domingos e dias Santos em todos os pequenos ramos accidentaes da administração material.

Um outro tãobem brasileiro bom e bom trabalhador, sempre pronto, que já ha 2.1/2 mezes despedi pela inveja insuflada por quem se desgostou dos boms Serviços destes dous individuos prestados à Colonia mensalmente 30\$000

o que perfaz Rs. 80\$000

Ajuntando mesmo as despesas dos Serviços destes dous trabalhadores como se fossem feitores, o que não erão aos 58\$000 da inspecção, importaria a despesa total da Inspeccão e da feitorização alias boms trabalhos dos dous boms brasileiros em Rs. 138\$000 e nunca em Rs. 250\$000.

Exmº Snr.! é quanto devo esclarecer à Vª Exª.

Deos Guarde à Vª Exª

Illmº e Exmº Snr. Pedro Leitão da Cunha
Dmº Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg



A SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DESEJA A TODOS OS SEUS AMIGOS

E ASSOCIADOS

UM FELIZ NATAL E UM ANO NOVO

PLENO DE REALIZAÇÕES

CRISTÁS.

BRUSQUE, NATAL DE 1981

Número 20 — Ano V — Tiragem de
— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral do

GRUPO INDUSTRIAL TROMBINI

Matriz - Rua Olympio Trombini, 306

Fone: (041) 224 - 9024 Telex (041) 5887

80.000 — CURITIBA — PARANÁ



Trombini S/A Administração e Participação

Empresa holding e de prestação de serviços

Trombini Florestal S/A

Florestamento e reflorestamento.

Fábrica de Celulose e Papel S.A. Facelpa

Pasta Mecânica, Celulose e Papel.

Mirtillo Trombini S/A - Papel e embalagem

Chapas e Caixas de papelão ondulado.

Curipel S/A - Ind. de Artefatos de Papel

SACOS DE PAPEL

Trombini Bahiana S/A - Papel e embalagem

Chapas e caixas de papelão ondulado, sacos de Papel

SUND EMBA BHS Ind. de Máquinas S/A

Tro - Agropecuária S/A